

# CONTAR-SE PARA O OUTRO: O DESVELAMENTO DE SI EM PATRÍCIA GALVÃO

Gerlice Teixeira Rosa

Universidade Federal de Minas  
Gerais - UFMG/CNPQ



## *Resumo*

presente estudo visa à análise da construção narrativa do discurso de Patrícia Galvão, em seu livro *Paixão Pagu*. Deseja-se verificar os efeitos pretendidos e construídos no, e por meio do discurso das cartas escritas pela jornalista, na década de 1940, ao seu marido Geraldo Ferraz. **Paixão Pagu** é descrito como um “texto autobiográfico, uma carta-confissão”. Assim definido, alguns elementos da *mise en scène* apresentada são pontuados, como também das intencionalidades e da reestruturação de sentido que o discurso sofreu com sua adaptação para a publicação em livro. Com base nos estudos de Machado (2010) sobre narrativas de si, estruturamos nossa análise sobre Pagu, tendo como foco os modos de organização discursiva postulados por Charaudeau. Os estudos recentes de Machado conduziram nossa análise e compreensão a respeito do gênero e suas implicações sociodiscursivas. De forma mais pragmática, valemo-nos dos postulados charaudianos a respeito dos modos de organização do discurso e das estratégias discursivas organizadas para compor o discurso. Buscamos verificar de que maneira eles se articularam para cumprir objetivos pretendidos. Observamos, ainda, as particularidades da construção do discurso de Patrícia Galvão, especialmente no que tange ao formato, elaboração de estratégias e envolvimento sujeitos na construção do discurso.

Palavras-chave: Patrícia Galvão. Narrativa de si. Autobiografia.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo a análise da construção narrativa (e dos efeitos de sentido) do discurso de Patrícia Galvão, em seu livro **Paixão Pagu**. Pretende-se refletir sobre a maneira como os modos de organização do discurso e as estratégias se articularam para cumprir os objetivos pretendidos com a

narrativa. A discussão sobre os efeitos construídos no e por meio do discurso das cartas escritas pela jornalista na década de 1940 perpassam as próximas linhas desta breve análise.

O interesse pelo estudo do discurso feminino e de suas estratégias junto aos diversos meios de comunicação levou-nos a encontrar os escritos de Patrícia Galvão. O livro, publicado no início do século XXI, reflete em muitos aspectos as características não só das condições proletárias do Brasil na década de 1930, mas também das condições sociais e, especificamente, femininas. Em forma de relato (e, como veremos mais adiante, como uma narrativa de si) Galvão fala de si, dos homens e das outras mulheres brasileiras com muita naturalidade, com fluidez e personalidade na escrita. A proposta deste breve estudo é acompanhar Pagu em suas recordações e suas memórias, na tentativa de verificar como a narrativa sobre si mesma é constituída e de que forma a jornalista organiza seu discurso para cumprir seu(s) objetivo(s).

### Sobre Paixão Pagu

O livro **Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão** foi publicado em 2005, após a autorização dos filhos da jornalista, Rudá de Andrade e Geraldo Galvão Ferraz. A obra apresenta as cartas escritas por Patrícia Galvão nos anos 1940, ao seu marido, Geraldo Ferraz. O material foi deixado por Patrícia após a sua morte, em 1960, e permaneceu nas mãos de Geraldo Ferraz até 1970. Na descrição do filho Geraldo Galvão, feita nas páginas iniciais do livro, trata-se de “uma longa carta autobiográfica, que ela escrevera como parte da relação que eles mantinham, de entrega total, sem subterfúgios ou cantos escuros. (...) Ela sentira necessidade de se contar para o homem que amava e de quem trazia um filho no ventre” (FERRAZ, 2005, p.10). Essa declaração do filho de Pagu evidencia não só a necessidade de a jornalista construir essa narrativa sobre si mesma, mas também revela o objetivo principal do discurso produzido por Pagu: desvelar-se.

Notamos que o objetivo de Patrícia Galvão é claramente descrito nas páginas iniciais do livro pelos filhos e pelo próprio marido. A opção de publicar as cartas íntimas de Patrícia a seu marido Geraldo foi uma decisão conjunta dos familiares, em função da importância que reconheceram no conteúdo dos escritos de Pagu. Porém, com a carta, ela queria apenas contar-se para seu marido:

Meu Geraldo seria melhor que tudo fosse deglutido e jogado fora. Pela prisão, tempo-prisão, mundo que começa no nosso portão. Talvez não valesse a pena a gente passear retrospectivamente. Sempre implica marcha à ré. Sou contra a autocrítica. O aproveitamento da experiência se realiza espontaneamente, sem necessidade de dogmatização. É que hoje tudo está brilhante. Eu te amo e nada mais tem importância. (...) Talvez eu não devesse começar meu relatório hoje. (...) A longa história cansa. Não será ainda uma modalidade de fuga? Uma justificativa contra o conhecimento? Quero rolar na areia e esquecer... Se eu tivesse a certeza de que não me custaria nada falar, eu não falaria. Escrever já é um desvio favorável. (...) Por que dar tanta importância à minha vida? Mas, *meu amor*: eu a ponho em *suas mãos*. É só o que tenho intocado e puro. Aí você tem minhas taras, meus preconceitos de julgamento, o contágio e os micróbios. (...) *Sofra comigo*. (GALVÃO, 2005, p.52, grifo nosso)

Neste convite, publicado na narrativa, Pagu chama a todos os leitores para sofrer com ela. Sofrer as dores, as angústias, as vivências todas que a formaram como pessoa e como mulher. O uso do verbo *sofrer* já revela-nos algo pontual a respeito da narrativa que se segue: a história de vida da jornalista não foi nada fácil, marcada por sofrimentos, dores e renúncias. Morfologicamente, há estruturas que encaminham o discurso de Pagu a seu destinatário principal, como os vocábulos *meu amor* e o uso do possessivo *em suas mãos*. Nesse sentido, faz-se necessário pontuar que o livro **Paixão Pagu** é uma publicação feita a partir das cartas pessoais de Patrícia direcionadas a seu marido, Geraldo Ferraz. Esse fato trouxe interferências na maneira como o discurso foi construído e, especialmente, na determinação de seu significado e dos diferentes momentos de enunciação dos sujeitos que contam e se contam no livro de Pagu.

Materialmente, o livro apresenta 159 páginas, compostas pelas páginas iniciais de explicação da obra, escritas por Rudá de Andrade e Geraldo Galvão Ferraz, filhos de Pagu, e pelo especialista na obra da jornalista, H. David Jackson. Juntamente com os textos iniciais, há fotos e ilustrações de Patrícia Galvão que compõem todo o conjunto da história de vida da militante comunista.

Ao final do livro, há uma breve cronologia da história de vida de Patrícia Galvão. As datas importantes da vida política e pessoal de Pagu são reveladas ao final para que o leitor possa

acompanhar os relatos da jornalista e verificar de forma prática a maneira como os fatos foram descritos no ambiente exterior, ou seja, como foram noticiados, fora do âmbito intimista descrito por Pagu.

Todo o texto é composto em primeira pessoa. Patrícia Galvão descreve com detalhes suas experiências da juventude, sua entrada no Partido Comunista, a gravidez, as angústias, os sonhos e frustrações de sua vida.

A seguir, apresentamos um breve panorama sobre a relação das mulheres e o uso de cartas e textos íntimos para apresentar a si mesma.

## Mulher e o contar-se sobre si

A ligação das mulheres com a escrita íntima (cartas, diários, relatos, etc.) está relacionada diretamente com a realidade opressora e cerceada, fruto de uma criação voltada para o ambiente interno, para os cuidados com a casa, com os afazeres domésticos e longe da realidade exterior e das decisões políticas e sociais, cabíveis apenas aos homens.

Foi dentro de um conjunto sociocultural opressor, no século XIX, que a pena feminina afirmou-se no espaço das narrativas de si, mais do que pensávamos. Imersas numa cultura que estratificou a criação literária como um exercício masculino, as mulheres escritoras oitocentistas deixaram escritas muitas narrativas e poemas, embora a tradição literária as fadasse durante muito tempo à invisibilidade (RAMOS, 2008, p.156).

Os estudos da pesquisadora revelam que apesar das restrições à produção intelectual no início dos anos oitocentos, as mulheres produziram textos íntimos, falaram de si, buscaram externar sentimentos, ações, etc. Esse fato certamente contribuiu para o desenvolvimento do espaço feminino no ambiente discursivo. Ainda que timidamente, as mulheres começaram a escrever de si, depois a publicar textos e opiniões em jornais, a conduzir e dirigir publicações periódicas. Esse percurso marca o delineamento do espaço das mulheres no universo das letras, mas também se molda de preconceitos e lutas. Como o início da produção intelectual feminina se deu, marcadamente no ambiente interno, Ramos convencionou chamá-la de “ficção doméstica” (RAMOS, 2008). Nesse tipo de texto, podemos observar subjetividades e intimismo, marcas que revelam algo

da pessoa que conta sobre si. Adiante, discutiremos um pouco sobre as modalidades e os formatos do gênero em questão.

O contato do sujeito consigo mesmo pode proporcionar reflexões interessantes e reveladoras de si. Ao escrever, o indivíduo passa a materializar seu pensamento de forma mais prática e pontual. Comumente, o sujeito que escreve experimenta a construção de um olhar distinto do que observava antes, pois ele consegue visualizar de forma mais panorâmica a situação vivida por ele mesmo.

Victor Palomo (2006) aponta a existência de um mito pessoal que explica as revelações e descobertas do indivíduo que fala de si, sob a perspectiva da psicoterapia.

A ênfase é, então, naquilo que é parte integrante de si, mas nunca em princípio percebido, ou em outros termos no mito pessoal de cada um. Quando me refiro a um mito pessoal, sugiro a ideia de que quando o sujeito busca um espaço para falar de si, ele já leva uma história previamente formulada, porém tal narrativa é composta de muitos elementos dos quais ele não tem consciência. (PALOMO, 2006, p.64).

No campo discursivo, o espaço para falar de si é delineado por meio do processo de escrita. No caso de Pagu, a autorrevelação é apresentada a cada página da narrativa.

Eu tinha consciência, sim, de que estava me prostituindo e parecia-me que não era obrigada a isso. Uma palavra só e tudo terminaria ali. Mas eu me deixava levar, sem coragem para reagir. Qualquer coisa me imobilizava e sentia que me deixava arrastar pela impotência. Gritava mentalmente contra minha inutilidade e minha falta de resistência. Ridicularizei intimamente o que queria fazer passar por fatalidade. Eu me deixava arrastar estupidamente e continuei. (GALVÃO, 2005, p.131)

As palavras de Pagu, transcritas acima, ilustram a autocrítica e análise constante feita pela jornalista por meio da escrita da narrativa de si. Além da subjetividade pungente, o relato da militante comunista é marcado de uma análise crítica das ações e escolhas feitas por ela mesma, em tempo passado, como se agora, no ato da escrita, Patrícia pudesse se refazer e justificar para si mesma as decisões tomadas anteriormente.

Concordamos com Souza (2006) no que diz respeito ao papel da narrativa em sua relação com o sujeito que escreve. Segundo

ele,

A escrita da narrativa potencializa no sujeito o contato com a singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si, ao configurar-se como atividade formadora que remete o sujeito para uma posição de aprendente e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais. (SOUZA, 2006, p.136).

Nesse processo de questionamento de si, observamos em **Paixão Pagu** uma ação constante de refazer (ou desfazer) a imagem cristalizada de Pagu pela imprensa na década de 1930. A própria autora da narrativa explica os enganos e exageros construídos a partir da sua imagem. Ela refuta os comentários e tenta apresentar uma nova imagem sobre si mesma.

Soube também que o meu nome era propalado aos quatro cantos e repetido com entusiasmo no meio dos proletários, o que era considerado pernicioso pelo Partido por se tratar de uma militante de origem pequeno-burguesa. Os jornais incentivavam isso com noticiário escandaloso em torno de minha pessoa. Eu era realmente a primeira comunista presa e, no Brasil, isso era assunto a ser explorado, principalmente não se tratando de uma operária. Os comentários transformaram-se em lendas mentirosas, que exageravam a minha atuação. (GALVÃO, 2005, p.91)

Nesse ínterim, o discurso de Pagu é marcadamente um discurso que tenta ser esclarecedor e revelador das verdades sobre si. Patrícia Galvão busca refazer-se e recriar-se por meio da narrativa de si.

### De carta a livro

A compreensão do gênero perpassa o entendimento dos objetivos do discurso produzido e de sua materialidade. Recorremos, portanto, a um trecho de Pagu que traduz claramente os objetivos da escrita:

Não é meu intento descrever minuciosamente os detalhes e os aspectos da Conferência. Não estou escrevendo autobiografia para ser publicada ou aproveitada. Isso é para você ter um pouco mais de mim mesma, das sensações e emoções que experimentei. (GALVÃO, 2005, p.100).

Mesmo que a jornalista especifique nesse momento que não escreve para produzir uma autobiografia, na realidade, é isso o que acontece com seu discurso. Há aqui, portanto, um imbricamento de gêneros: a carta escrita *a priori* transforma-se em livro, intitulado autobiográfico. Aqui se desenha uma narrativa de si que toma corpo por meio de um livro: “É incrível, meu Geraldo, mas quando resolvi lhe contar a memória de minha vida, pensei numa narrativa trágica – sempre achei trágica a minha vida. Absurdamente trágica. Hoje parece apenas que lhe conto que fui à quitanda comprar laranjas.” (GALVÃO, 2005, p.54).

A divisão entre os gêneros é bastante tênue. Não se consegue estabelecer um limite perfeito de definição entre um gênero e outro. Se retomarmos Bakhtin, percebemos que o que caracteriza o gênero é a capacidade de marcar um discurso de forma estável. A função do gênero, unido a suas condições específicas, determina um tipo específico do discurso.

Na descrição do livro, surgem nomes que pretendem definir o gênero em questão: autobiografia, carta-depoimento, carta e relatório. Em determinado momento, Pagu parece escrever uma autoanálise, fruto de um vai e vem da sua história de vida: “Sofri horripantemente deixando Rudá. Eu sei o que sofri com isto, mas não houve de minha parte a menor hesitação. Talvez eu não o amasse tanto como julgava. Segui para o Rio na mesma noite.” (GALVÃO, 2005, p.95). Os vocábulos usados neste trecho marcam uma dúvida de Patrícia Galvão sobre seus sentimentos, mesclada a uma avaliação de suas atitudes, como se ela analisasse sua vida com outro olhar, exterior a si mesma.

Se retomarmos o objetivo inicial de Patrícia, que é escrever uma carta a seu marido, faz-se necessário relembrar as características que definem este gênero. Há um endereçamento específico na carta, que já define a personalidade e intimidade entre remetente e destinatário. Além disso, as cartas têm conteúdo intimista, geralmente estabelecem relações de afetividades entre os sujeitos que se contam através das cartas. Neste espaço discursivo, parece ser mais fácil estabelecer uma narrativa própria de quem a escreve, que mostra a individualidade, a história de si e a subjetividade do sujeito que se revela.

A relação entre as mulheres e as cartas também é marcada historicamente. A historiadora Käte Hamburger estuda as narrativas e a forma como elas constroem sentidos. “Trago para dentro deste texto as mulheres que pensam a carta como o

lugar privilegiado das narrativas de si e do lugar da memória. A carta, a correspondência, é ainda o que nos resta de privado neste milênio em que nos sentimos como se estivéssemos expostos”. (HAMBURGER *apud* RAMOS, 2008, p.163). Para ela, as cartas são um documento histórico, marcado por testemunhos pessoais.

Outros elementos do gênero carta são levantados por Ramos, especialmente aqueles que o relacionam à escrita de si.

Para mim escrever cartas é a grande vitória das narrativas de si: os textos escritos para um determinado destinatário; um texto explicitamente desejando a leitura; um texto perverso, porque a correspondência para existir precisa de distância e ausência, e a privacidade, a intimidade, só podem ser invadidas se fôssemos como antigamente para o bico da chaleira, tentar, sem deixar pistas, abrir o envelope... (RAMOS, 2008, p.164)

A subjetividade, o mistério e a autorrevelação estão presentes igualmente nas cartas, de um modo geral, e na carta específica de Pagu, que se transformou em livro autobiográfico.

Há uma tentativa do leitor da carta de prender seu destinatário, ainda que o interesse pelo assunto e pelo remetente seja condição *sine qua non* para que o diálogo aconteça entre os sujeitos que trocam correspondências. Como não há uma relação dialógica presencial, o remetente precisa investir em estratégias que despertem interesse, curiosidade, que manifestem emoção e revelem o sujeito que escreve a carta. Dessa forma, podemos falar em captação e estratégia de intimidade nas cartas, conforme Machado especifica para as narrativas de si.

Discutiremos logo adiante os aspectos referentes ao destino da carta de Patrícia Galvão, a militante comunista.

## Destinatário real e destinatários consequentes

Já dissemos anteriormente que o destino real da carta de Pagu era seu marido, Geraldo Ferraz. No momento inicial do livro, a jornalista se dirige ao marido: “Eu lhe falei, *Geraldo*, precisamente sobre isso, hoje. É difícil dizer o porquê das coisas. Muito mais difícil saber o porquê das coisas.” (GALVÃO, 2005, p.54, grifo nosso). Esse direcionamento define o destinatário real do discurso da jornalista. O vocativo usado no trecho acima estabelece que ao escrever a carta, a jornalista pensou em um

endereçamento específico para o seu discurso.

Em outro momento, a narrativa continua, com o mesmo objetivo de contar-se sobre si: “Não sei se *você* sabe como conheci Oswald. Ele leu coisas minhas, mostradas por Fernandinho Mendes. Teve curiosidade e quis me conhecer. Foi quase ao mesmo tempo em que conheci *você*. Na época do Movimento Antropofágico.” (GALVÃO, 2005, p.59, grifo nosso).

O discurso alocutivo está marcado em partes específicas do discurso da militante, pontualmente naqueles trechos em que o nome do marido aparece especificado, ou algum outro marcador que identifique essa pessoalidade. No decorrer do discurso, um leitor “desavisado” poderia facilmente compreender a carta de Pagu como um relato em um diário ou uma autobiografia.

As angústias e inquietações da remetente das cartas são transmitidas ao destinatário de forma clara. O conteúdo subjetivo e até mesmo sentimental da fala de Pagu é exposto ao marido. “É muito difícil levar as palavras usadas lá dentro de mim. Geraldo, compreenda, por favor.” (GALVÃO, 2005, p.52). Nesse trecho conseguimos notar o íntimo da jornalista sendo exteriorizado por meio da carta, da escrita. Escrever aparece aqui como uma ação curativa, que liberta, organiza e questiona o próprio sujeito que escreve. De forma metafórica, a jornalista fala desse processo, desde o início de sua carta.

Ao verificarmos a ampliação da materialidade da carta, que deixou de ser um monte de papéis de família e passou a ser um livro histórico, testemunhal e autobiográfico, nota-se a modificação também da situação de comunicação na qual se encontram os sujeitos em questão.

Ao ampliarmos a perspectiva histórica e discursiva das cartas de Pagu, podemos visualizar outros destinatários além do especificado pela jornalista. Na história contada nas páginas iniciais do livro, as próprias relações familiares já permitem surgir outros destinatários, tais como os filhos de Patrícia: Rudá Andrade e Geraldo Galvão Ferraz.

Na perspectiva discursiva, os leitores do mundo inteiro, os pesquisadores e historiadores podem ser compreendidos como destinatários porque se interessam ou pela forma do discurso, ou pelo seu conteúdo, ou ainda pela narrativa que se constitui como autobiografia ou narrativa de si.

No aspecto histórico, os comunistas aparecem como um grupo de leitores específicos que teriam interesse direto na narrativa

desenvolvida pela líder comunista burguesa que, aos olhos deles, representava uma ameaça. O olhar de Pagu diante do movimento, as aflições e o desejo desenfreado por produzir algo pela humanidade, por doar-se para o outro e lutar em busca de mudanças foi descrito em detalhes pela comunista.

## No limite entre o real e o ficcional

A noção de verdade parece-nos um pressuposto da carta escrita pela jornalista, pois o objetivo de Patrícia, como já dissemos, é revelar-se, por meio da escrita, ao marido. Porém, há no desenvolvimento do discurso um efeito de ficção, se tomarmos por base o que desenvolveu Mendes (2005) em seus estudos sobre ficção. Apesar de os elementos serem reais e de o livro apresentar ao final os fatos concretos que dão fundamento ao discurso, é possível notar algumas características da narrativa que se aproximam da constituição de um discurso ficcional. Segundo Mendes (2005), o real e o ficcional são delimitados apenas situacionalmente. No caso em questão, a constituição do livro já nos leva para a construção de uma *mise en scène* ficcional. Ao transportar as cartas de Pagu em sua forma real, com sua materialidade e seu destino primeiro para outro formato, outro gênero e com uma materialidade diferente, vemos surgir uma nova situação de comunicação, novos destinatários e, portanto, uma possibilidade de efeitos distintos no discurso que se formou *a priori*. Para a pesquisadora acima citada,

os efeitos de gênero, efeitos de real e efeitos de ficção podem compor qualquer gênero de discurso, independentemente de seu estatuto. Estes efeitos estão ligados à competência discursiva e sua identificação se dá pelo estatuto e pela heterogeneidade discursiva, ou seja, um efeito é uma reunião de vários critérios e é sempre relativo à situação de comunicação. (MENDES, 2008, p. 218)

Dessa maneira, de acordo com a situação de comunicação em que nos encontramos, qual seja, o discurso publicado no livro intitulado autobiográfico e por nós considerado como narrativa de vida, há efeitos passíveis de serem observados. Atentemos para alguns efeitos que serão detalhados a seguir.

Há no livro a construção da imagem de uma heroína, ainda que em certa medida, frustrada com suas próprias tentativas e erros. A jornalista apresenta-se como uma mulher lutadora, determinada, idealista e, em alguns momentos, frágil. Essa

imagem parece não se amalgamar à imagem construída pela imprensa, na década de 1930, para Patrícia Galvão. Ela mesma desconstrói o imaginário criado sobre si por meio dos meios de comunicação e na carta autobiográfica descreve-se como a *burguesa militante comunista incompreendida*.

É mister pontuar aqui a característica do discurso de Pagu. Ela apresenta certa particularidade na escrita, o que nos leva a esbarrar em aspectos estéticos. Ainda que não seja este o nosso objetivo, apontamos este aspecto como um horizonte possível da verificação de efeitos de ficção na narrativa da jornalista. A construção estética do texto leva-nos a uma percepção poética e subjetiva da autora, de sua imagem e, conseqüentemente, de seu discurso: “Na nebulosa da infância, a sensitiva já procurava a bondade e a beleza. Mas a bondade e a beleza são conceitos do homem. E a menina não encontrava a bondade e a beleza onde procurava. Talvez porque já caminhava fora dos conceitos humanos.” (GALVÃO, 2005, p.52)

A simulação do ficcional ocorre, pois, por meio de recursos literários e estéticos que nos parecem, em certa medida, fantasiosos, sensivelmente subjetivos, ou fora do universo real. A própria conversa consigo mesma, travada nas páginas do livro por Pagu, levanta a possibilidade de uma simulação do ficcional. Cria-se um outro eu, imaginário, capaz de estabelecer uma relação dialógica que produz intermediada pela narrativa de si.

### Paixão Pagu como narrativa de vida

Autobiografia, narrativa de si, narrativa de vida, biografia são termos usados para designar produções textuais que tematizam a vida de um indivíduo, um sujeito social que marca a história por determinado aspecto. No campo da Análise do Discurso, Machado optou por utilizar a denominação *narrativa de si* desde 2009 e considera-a como a mais adequada. Segundo a pesquisadora, este termo cabe mais à proposta analítica da Análise do Discurso. Para compreender melhor a escolha de Machado e a nossa concordância com ela, apresentamos a justificativa da pesquisadora.

Optamos por chamar tal tipo de ações languageiras pelo sintagma *Narrativa de vida* ou *Narrativa de si*: o ato de contar uma história, seja em ocasiões informais (roda de amigos, festas familiares, etc.), seja em ocasiões mais formais (reuniões de trabalho, discursos em campanhas

políticas, entrevistas, etc.) exige do narrador uma dose de estratégias de captação bem como a habilidade para a criação de estratégias de cumplicidade que serão dirigidas ao seu eventual auditório. Como a Semiologia observa essas estratégias com um olhar favorável e como a parte de liberdade de que dispomos em nossas lutas cotidianas com as palavras, os supracitados sintagmas pareceram-nos mais completos que os de Autobiografia, Memórias ou Confissões, por exemplo, já que exibem em si a intenção das ações que vão adotar: adequar palavras do melhor modo possível para que estas permitam a construção de uma narrativa (MACHADO, 2013, p.3).

Faz-se necessário pontuar que, apesar de o livro apresentar a denominação autobiografia, neste artigo escolhemos a utilização do sintagma *narrativa de vida* por julgar importante a discussão sobre o ato de contar sobre si, que o termo permite-nos realizar.

A narrativa aparece como reconstrução de algo já visto, vivido ou comentado anteriormente (MACHADO, 2011, p.5). Toda a vivência pessoal de Patrícia Galvão é traduzida em palavras para o relato do livro. Mesmo que Pagu tente ser fiel à realidade vivida, é necessário lembrar que o ato de contar já introduz a criação de outro universo, diferente no espaço e no tempo da realidade vivida anteriormente pela “personagem”<sup>1</sup>.

1 Chamamos de personagem aqui a pessoa que conta sua história e vive a realidade contada, no caso, Patrícia Galvão, autora do relato autobiográfico.

Para Charaudeau (2008) narrar não é apenas descrever fatos, é buscar a verdade do ser, é a produção de narrativas que liberam parte da verdade almejada pelo homem (CHARAUDEAU, 2008, p.154). A análise metafórica de Patrícia sobre sua narrativa apresenta um panorama do sentido da narrativa:

Recomeço esta noite. Quase não tenho agora tempo de escrever isto. Isto significa apenas isto. Continuo não sabendo por quê. Hoje chego a achar cômica esta maneira de contar coisas, cortando uma vida em partes, deixando para amanhã o resto, voltando sempre a um ponto de partida diferente (GALVÃO, 2005, p.141).

Fazemos consonância com o que nos diz Charaudeau a respeito do ato de narrar. Segundo ele,

“Contar” é uma atividade “posterior” à existência de uma realidade que se apresenta necessariamente como *passada* (mesmo quando é pura invenção), e, ao mesmo tempo, essa atividade tem a propriedade de fazer surgir, em seu conjunto, um universo, “o universo contado”, que predomina sobre a realidade, a qual passa a existir

somente através desse universo”. (CHARAUDEAU, 2008, p.154)

Pagu constrói toda a sua narrativa utilizando o tempo pretérito. Essa forma verbal marca e especifica a narrativa:

A incerteza, a vacilação, e não saber o que fazer. Corri como uma doida por aquelas pedras que rolavam na minha passagem, caindo lá embaixo no abismo. Mas alcancei a segunda sentinela para lhe perguntar o que devíamos fazer. Recebeu-me às gargalhadas. - Você não vê que são companheiros? É a mulher do CM11. Desde esse momento, comecei a perceber o ridículo da situação. (GALVÃO, 2005, p.101)

Além da narrativa no tempo passado, Pagu reproduz um diálogo cuja fidelidade soa-nos como duvidosa. Ainda que a fala tenha marcado profundamente a jornalista no momento em que foi estabelecido o diálogo, é difícil que o discurso seja reproduzido fielmente o que foi dito anteriormente, alguns anos antes da escrita. Nesse sentido, recuperamos o que postula Charaudeau a respeito do mundo ficcional criado por meio da narrativa.

Daí uma primeira tensão para *fazer crer no verdadeiro*, no autêntico, na realidade, numa atividade cujo aspecto ficcional é primordial (na narrativa não se sente a necessidade de reivindicar a *invenção*; o que se procura reivindicar é o *verdadeiro*) (CHARAUDEAU, 2008, p.154).

Essa perspectiva permite-nos, mais uma vez, afirmar o efeito ficcional do texto de Pagu.

Essa estrutura do discurso permite-nos compreender a narrativa de vida como construção de uma memória, não apenas do discurso, mas também da vida de Patrícia Galvão que se desenha nas páginas do livro. A pesquisadora Procópio-Xavier estrutura a similaridade da narrativa com a memória da seguinte forma:

As narrativas biográficas passaram a ser reconhecidas como responsáveis por uma historialização da cultura e por uma manutenção da memória individual e coletiva. A biografia como objeto de estudo possibilita a discussão sobre os vínculos sociais e históricos que se relacionam com a forma como o personagem teve sua trajetória lembrada ou esquecida ao longo do tempo, além de revelar representações, valores e imaginários vinculados ao universo que este personagem está

inserido. (PROCÓPIO-XAVIER, 2013, p.72)

Como já dissemos no tópico anterior, sobre os destinatários do discurso, a narrativa de Pagu interessa aos comunistas, historiadores e pesquisadores pelo seu registro histórico. Visualiza-se, dessa maneira, o delineamento histórico e factual de um discurso, *a priori*, intimista e subjetivo.

A proposta da jornalista de produzir um discurso revelador de si mesma abre espaço para o desenrolar de diversos temas que compõem o ser social Patrícia Galvão. Os elementos da afetividade e da sexualidade da jornalista são expostos logo no início da carta. Parece-nos que esse aspecto é revelador da identidade da jornalista. “O primeiro fato distintamente consciente da minha vida foi a entrega do meu corpo. Eu tinha doze anos incompletos. Sabia que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida.” (GALVÃO, 2005, p.53). Além da perda da virgindade, Pagu descreve a sua gravidez precoce. “Mas havia a satisfação da dádiva. Aos 14 anos, estava grávida. E quis agir. Quis sair de casa.” (GALVÃO, 2005, p.54). Outros elementos relacionados à afetividade são descritos por Patrícia em sua carta: o casamento (falso), seu caso com Oswald de Andrade, suas aventuras amorosas.

O aspecto político e o desejo de mudança que movia Patrícia foram detalhados em seu discurso até mesmo como uma justificativa para as escolhas e renúncias feitas durante sua vida.

Mas a satisfação intelectual não me bastava... A ação me fazia falta. As teses isoladas irritavam-me. Era necessário concretizar. A inquietação aparecia. Precisava participar da realização. Fazer qualquer coisa. Produzir. Além disso, a doutrina tão dogmatizada não me satisfazia muitas vezes só havia falta de compreensão. Eu precisava de gente que me ouvisse e me respondesse. E as grandes descobertas não as queria guardar só para mim. O proletariado não sabe. E deve saber. Eu preciso gritar tudo isso nas ruas. Gritar até cair morta. Tenho muita força. Onde irei empregar esta força? É preciso dar esta força. (GALVÃO, 2005, p.77)

A partir desse momento, Pagu começa a descrever sua inserção no movimento comunista. A inquietação descrita acima revela que a jornalista tinha uma necessidade latente de empregar suas energias em prol do outro. A luta comunista que se segue é justificada pela exigência da alma de Patrícia.

Ela também relata as humilhações que sofreu como militante comunista num meio em que a atuação política feminina era considerada prostituição, até mesmo por seus companheiros de partido, o PCB, no qual ingressara em 1930. Juntamente com esses assuntos, Pagu fala de sua vida operária, das prisões e fugas decorrentes da sua militância. As angústias, injustiças e desilusões de toda essa trajetória de lutas de Patrícia também compõem a carta.

Em meio a todos esses temas, Pagu se revela, se autocondena e reavalia suas atitudes. Como disse o poeta Guimarães Rosa, “Viver é emendar-se e remendar-se”. Nessa perspectiva, a jornalista constrói e se reconstrói por meio da escrita de si. Nesse sentido, apontaremos adiante os elementos que constituem e compõem a narrativa de Pagu como memória e identidade de si.

Em seu discurso, Patrícia Galvão conta-se a si mesma e se define por meio da escrita de si. Ao contar sua vida, ela analisa suas próprias atitudes e, sob outra perspectiva, em um momento histórico diferente, Pagu faz um juízo de valor de suas próprias ações. Sob esse aspecto, confirmamos o que nos diz Charaudeau sobre a encenação narrativa, que a experiência vivida pelo sujeito difere daquilo que o narrador/contador de história descreve em seu projeto de escritura. Como já discutimos anteriormente, Pagu encontra-se em outra situação comunicativa no momento em que escreve, tanto no aspecto temporal quanto social e discursivo.

Há, no conjunto da obra de Patrícia Galvão, marcas distintivas da sua presença, enquanto indivíduo, autora e participante do discurso. Para Charaudeau, as narrativas que apresentam esse tipo de presença são capazes de produzir “um efeito de verismo e/ou apelo a compartilhar de um pensamento ou de uma experiência vivida” (CHARAUDEAU, 2008, p.189). Notamos isso acontecer em **Paixão Pagu**, uma vez que ela mesma tenta produzir esse efeito de verdade naquilo que conta.

Ainda para o linguista Charaudeau, em seus estudos sobre o modo de organização narrativo, o autor-escritor “tende a produzir, além de um efeito de *verismo* (...) um efeito de cumplicidade com o leitor ao qual ele propõe, de alguma maneira, um *contrato de leitura* (CHARAUDEAU, 2008, p.190). Dessa maneira, os leitores de **Paixão Pagu** assumem esse contrato proposto de partilhar as vivências de Pagu com seu destinatário real (e ideal/primário) na forma de um livro.

No desenvolvimento da narrativa, alguns personagens são convocados por Patrícia para compor a cena descrita, inclusive com trechos de discurso direto. Nota-se que a jornalista não constrói sua relação apenas consigo mesma, mas também com os outros, pessoas que dividiram experiências importantes com ela no passado. Para Machado, a narrativa assume um procedimento que

(...) visto pela análise do discurso é fruto de uma construção enunciativa elaborada no qual percebemos diferentes vozes que se colocam ao lado ou se misturam na voz do narrador. O gênero é comandado então pela personagem que fala de si, que conta sua vida, ainda que, no caso comece seu relato pelo fim desta. (MACHADO, 2013, p.8).

Na narrativa de vida de Patrícia Galvão aparecem como “personagens” seu filho, Rudá, seu marido Oswald de Andrade, os *companheiros* comunistas, os repressores do governo e outras pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para compor a história de vida da jornalista.

Na sequência, apresentamos algumas considerações que visam a recuperar todo o conteúdo discutido nas linhas anteriores e apresentar um panorama das contribuições que objetivamos com a análise de Pagu.

## Considerações

Após a discussão feita anteriormente, algumas considerações podem ser feitas, tendo em vista os objetivos deste estudo. Diante do que foi apresentado por Patrícia Galvão e dos estudos dos autores que direcionam este trabalho, a saber Machado e Charaudeau, podemos apontar que Patrícia narra a sua experiência e a memória refletida de sua história, utilizando a escrita como estratégia para falar de si. A jornalista se constrói como alguém que dá resposta a si mesma e faz de si uma autoanálise. Dessa forma, a relação estabelecida por meio da narrativa de vida se dá não apenas entre a jornalista e seu marido, destinatário real da carta, mas também entre ela e os demais envolvidos, destinatários consequentes do discurso. Para Furlin e Tamanini, configura-se da seguinte forma:

É nisso que resulta a compreensão de gênero como produto da autorrepresentação. Dessa forma, pode-se dizer que o sujeito não é só produto de representações

sociais discursivas, mas também se constrói por meio de sua experiência e da produção de novas narrativas que emergem nos processos de interação social. (FURLIN & TAMANINI, 2010, p.2)

Notamos que, ao modificar-se a materialidade e a situação comunicativa inicial do discurso, amplia-se não apenas o alcance da voz de Patrícia Galvão, mas também os objetivos iniciais de sua escrita. Concordamos com os estudos de Procópio-Xavier a respeito das narrativas que se dizem autobiográficas. Verificamos que o que se configura em **Paixão Pagu** é uma reconstrução da memória de um tempo, muito mais que a memória de uma mulher que teve importância social e histórica no Brasil dos anos 1930. Para Procópio-Xavier,

De modo geral, pode-se dizer que as mais variadas narrativas biográficas buscam realizar uma (re) construção da vida de um personagem, de modo diacrônico. Essas narrativas de exploração da subjetividade têm em comum a busca do autoconhecimento, o voltar-se para si mesmo, o mergulho no Eu, a análise das experiências vividas por um sujeito. (PROCÓPIO-XAVIER, p.43)

No caso de Patrícia Galvão, a narrativa de vida surge como uma ação ao mesmo tempo reveladora e transformadora, capaz de ampliar os horizontes narrativos e transpor os limites temporais de um discurso intimista e pessoal.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the narrative construction of Patrícia Galvão's discourse, in her book "**Paixão Pagu**". It's hoped to verify the intended and constructed effects in, and through the discourse of the letters written by the journalist in the 1940s, to her husband Geraldo Ferraz. "**Paixão Pagu**" is described as a "memoir, a letter of confession." Thus defined, some elements of the *mise in scène* presented are cited, as well as the intentions and restructuring of meaning that the discourse suffered in its adaptation for publication in book form. Based on studies of Machado (2010) about self-narratives, we structured our analysis of Pagu focusing on the modes of discursive organization postulated by Charaudeau. Recent studies of Machado

led our analysis and understanding about gender and its socio-discursive implications. More pragmatically, we make use of charaudian postulates regarding the organization modes of discourse and the discursive strategies organized to compose the discourse. We seek to verify how they articulate to achieve intended goals. We also observed the peculiarities of the construction of Patrícia Galvão's discourse, especially in regard to format, strategizing and involvement, subjects in the construction of the discourse.

**Keywords:** Patrícia Galvão. Self-narrative. Autobiography

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto. 2008.

FURLIN, N. & TAMANINI, M. Narrativas de si: processos de subjetivação de mulheres docentes em teologia. In: **Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010. p. 1-9.

GALVÃO, P. **Paixão pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Geraldo Galvão Ferraz (Org). Rio de Janeiro: Agir, 2005.

MACHADO, Ida Lucia. A 'narrativa de si' e a ironia: um estudo de caso à Luz da Análise do Discurso. **Cadernos Discursivos**, Catalão - GO, v.1, n. 1, p. 01-16, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

PALOMO, V. Um ritual de reinvenção de si. In: Elizeu Clementino de Souza, Maria Helena Mena Barreto Abrahão (Orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PROCÓPIO-XAVIER, M. R. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. 2012. 291f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do discurso/Análise do discurso). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RAMOS, T. R. O. Narrativas de si: lugares de memória. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 155-165 - jul./dez. 2008.

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: Elizeu Clementino de Souza, Maria Helena Mena Barreto Abrahão (Orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.